


Entrada do convento do Bussaco — Desenho de Christino — Gravura de Pedroso

Quando publicámos a pag. 4 d'este vol. uma excellente vista da matta do Bussaco, promettemos dar tambem alguns desenhos dos sanctuarios que ainda subsistem n'aquelle antigo eremiterio.

O que apresentâmos hoje é o da entrada do convento, tirado do natural pelo sr. Christino, professor de paizagem da nossa academia de Bellas-artes.

Ouçamos a descripção que d'aquelle sitio nos faz o chronista da ordem carmelitana que habitava este ermo.

Contém o Bussaco na dilatada circumferencia do seu recinto, grandeza sem fausto, sumptuosidade sem opulencia, magnificencia sem luxo, perspectiva sem invenção, e composição sem adorno; porque nús de toda a gala, enfeite ou brinco, estudaram seus fundadores, n'esta obra, occultar no tosco das cortiças o lavor das madeiras, no rude dos embrexados o polido das pedras e paredes, para que a symetria material se proporcionasse com a espiritual da profissão eremitica, melhor achada no silvestre das arvores e inculto das brenhas, que nos primores do artificio e pundonores da arte.

Descreveremos com mais de ordinaria miudeza os particulares de convento tão unico, respeitando o não ser patente a todas, e negado indispensavelmente a pessoas de differente sexo.

Das ultimas aldeias de suas visinhanças, afastadas d'elle em distancia maior de meia legoa, sóbe a estrada que vae de Coimbra para Bussaco, a cada passo mais ingreme, até chegar á fonte que chamam do Salgueiro, districto final do dominio do convento, onde os que vão n'elle demandar o ceo occulto na terra, se despedem dos povoados, figurados nas aguas. D'esta fonte, por entre alguns arvoredos, e varios resaios que o fragoso da montanha suavisam, vae o folgo de quem a leva de pé respirar pausado em um terreiro de semicirculo, estribado em profundos socalcos, nas partes em que o precipicio os fez precisos. Entre outras naturaes se divisa no meio do terreiro a arvore da vida, figurada em uma alta cruz de pedra lavrada, sagrado brazão do santo logar, que dá noticia das muitas que dentro encerra. Serve ao terreiro de frontispicio o muro da cerca, levantado da terra em altura de dez palmos; na face do qual está embutido um branco marmore, e gravada n'elle uma sentença de excommunhão maior *ipso facto incurrenda*, fulminada pela santidade de Urbano VIII aos 28 de março de 1643, contra os violadores d'aquella clausura com o fim de estragarem seus arvoredos e mattas; censura a que deram causa os repetidos destroços que furtivamente se faziam. Por espaço de quarenta e sete annos relevou a soffrida paciencia dos ermitães muitos e graves córtes; até que o veneravel bispo conde D. João de Mello, zelosissimo d'aquella casa, a mandou publi-

car nas parochias circumvisinhas, aos 9 de outubro de 1690, e affixar na sobredita pedra.

Acompanham os lados do marmore, onde esta sentença de excommunhão está escripta, duas portadas rasgadas no mesmo muro, uma de superior, outra de entrada inferior. A do lado direito a concede, por um arco de pedraria, a toda a carruagem de serviço e hospedes da casa. No alto d'ella pende de um campanario um mediano sino, e d'este uma grossa cadeia de ferro para chamar o porteiro, que não sendo alli presente, é forçoso bradar-lhe com as vozes de tanto metal, não duas ou tres vezes ao uso dos mais conventos, mas corrido por largo espaço.

E comtudo, quando os ventos são contrarios, ou furiosos, de sorte lhe arrebatam ou suffocam o soido, que não se percebe no mosteiro, pela distancia d'esta á segunda portaria, que chamam de dentro. A do lado esquerdo é do ingresso da gente de pé, antes da qual a recebe um zagão forrado de cortiças brutas e tosquissimos embrexados, rodeado de assentos similhantes, para descanço dos que esperam se lhes abra a porta. N'este medonho sobrescripto se lê em caracteres de ossos e caveiras de defunctos, quanto nas interiores aulas se estuda na maior das importancias da vida, qual para os viventes racionaes é a da morte: lição que aos considerados aconselha desprezos, e aos enfrascados n'ella tedio de tão caduca vida, como a dos mortaes.

Logo que o porteiro o concede, se entra a um pateo maior, da mesma fórma e materia, que á mão esquerda offerece aos olhos uma capella de Nossa Senhora do Carmo, abrigando seus filhos debaixo do branco manto de que usam á sua imitação.

Mandou-a edificar Paulo Botelho, abbade de Taurem, no concelho de Barroso, especial bemfeitor d'aquella casa. Lança ao pateo uma tribuna de grades de sôbro, torneadas na fórma em que saíram dos bosques, para que nos dias de preceito possam satisfazer ao da missa os pastores da serra, sem procederem a devassar ou povoar o ermo: attenção em que juntamente se salva a caridade dos proximos e o socego dos ermitães. Continua-se com o mesmo oratorio uma cella, habitação diurna do porteiro, em razão de assistir n'ella todo o dia, menos que alguma importancia o leve ao convento, ou a hora da refeição meridiana á mesa commum. Cinge as costas do cubiculo e oratorio um bem disposto jardim, ao qual desce uma fonte, que, em um tanque quadrado de cantaria, deposita as abundantes aguas de que se sustentam varias flores, que á Rosa mystica, Maria Santissima, adoram como rainha de todas. Para seu culto se esmeram os officiaes da porta em crial-as, do que alguns em retorno tem recebido da mesma Senhora os favores que diremos em seu logar.

D'aqui se sae a um espaçoso terreiro, ao lado direito do qual apparece a fonte Nova, lavrada de embrexados pretos em campo branco, rematada no alto com pyramides e cruz da mesma obra. Recebe suas aguas uma grande arca de marmore, com obrigação de repartil-as pelo jardim da porta, e depois no muro da clausura por uma bica de pedra, da qual as recolhe em si uma pia da mesma materia, para refrigerio da sêde dos pastores da serra e seus rebanhos; estas não podendo receber toda a liberalidade de suas correntes, se vão prodigas despenhar por montes e valles, buscando quem se aproveite de tão claros desperdicios. Finda-se este aprazivel plano no calvario da cruz de um esgalhado e inteiro cypreste, funebre madeiro, do qual se inteirou, com outros, o de nossa redempção segundo diz o distico: SIGNA CRUCIS PALMA, CEDRUS, CUPRESSUS, OLIVA.

D'aqui começa a rua que vem ao convento, prolongada na distancia de seiscentos e quarenta e seis passos geometricos; de tal formosura e largueza, que podem, em partes, emparelhar á vontade, e rodar desembaraçadamente, tres carroças. Corre murada de ambos os lados, mais ou menos altamente, segundo a permissão do alcantilado do terreno. Despede a carreira toldada de copados cedros, que embraçados uns em outros servem aos passageiros de escudo contra o sol, e de espelho para a vista.

Aos cento e vinte e um passos pára na ermida do extatico e mystico doutor S. João da Cruz, coadjutor da serafica Theresa na reformação do Carmelo, que no altar contém a imagem do varão de Deus, bebendo, como alheado de si proprio, no suave silencio d'aquella doce suspensão, os altos segredos da recondita theologia que no celeste de seus mysticos escriptos deixou impressos.

D'esta ermida a cento e noventa e um passos encontra a rua (ou quem a passa) a fonte da Samaritana, reclusa em uma capella de abobada de arco aberto, grades torneadas, rodeada de assentos; no espaldar da qual se divisam, em bem figurado vulto, as imagens do Salvador e Santa Fotina, tão lindamente engraçada esta, que diz no exterior do semblante a graça que na agua symbolisada recebeu no intimo de seu interior. Medeia entre uma e outra a do poço de Sicar, empedrado ao rude, onde as santas imagens se fallam, por letra, o que da sua pratica refere o sagrado texto. Foi idéa, primeiramente pintada, do illustrissimo reitor da universidade Manuel de Saldanha, que depois reduziu á fórma descripta a curiosidade do padre frei Manuel de Santa Theresa, esculptor mui primo entre os estatuarios do officio. Quiz seu fundador que fosse esta a primaz das ermidas de devoção d'aquelle deserto; attento a que fôra este o primeiro passo que dera na vida contemplativa nossa matriarcha Theresa, que de menina olhando para um quadro da Samaritana, repetia ao Salvador: *Domine, da mihi hanc aquam.* Formando logo um cotovelo, continúa a rua, e aos cincoenta e nove passos visita a ermida de S. Pedro, cujo altar occupa uma enternecida imagem do principe dos apostolos, que com os seus lacrimosos arrependimentos mudamente exhorta os que o ponderam, á devida contrição de todos os desmanchos culpaveis. D'esta ermida se despede a rua já direita, e aos cento e sessenta e sete passos descobre outra capella embrexada, como a precedente, de conchas marinhas. Encerram em si a figura de uma fina e animada perola, gerada mediante os influxos do sol de justiça, dos fecundos orvalhos de sua graça. Consiste na imagem da venturosa peccadora Maria Magdalena, que nos liquidos cristaes pendentes de seus olhos, offerece aos passageiros uns claros espelhos de que tudo é para chorar quanto no mundo ha que ver.

Costeando d'esta ermida pelo muro da horta do convento, faz a rua a ultima volta, e subindo lentamente cento e oito passos, os termina em um terrapleno de noventa e sete palmos de comprido, sessenta de largo; ao qual se entra por tres partes, e poucos mais degraus em cada uma das escadas. São as curtas paredes d'este atrio abertas em alegretes de varias flores, que defronte reparam das tempestades bastos e ordenados cedros e cyprestes, uns do Libano, e os outros émulos do monte Sião. Está arvorado no meio d'esta praça o estandarte de nossa redempção em uma pedra que a natureza fez grande, e a arte polida. Assenta na quadrada base de uma larga peanha, de quatro degraus de cantaria por banda. Aqui se logra o frontispicio do mosteiro, de maior devoção que fachada. Estriba-se em tres arcos de cantaria almofadados ao picão, com frisos de escopro, por entre os quaes se entra no zagão da portaria.

É de comprimento de vinte e quatro pés por ban-

da, calçado no pavimento de ordenados e miudos seixos, meias paredes guarnecidas de grosseiros embrexados, o tecto forrado de toscas cortiças; toda a casa rodeada de assentos, para que no escabroso de suas asperezas o tomem, quantos chamam ao porteiro com as vozes de uma menos avultada que clamorosa campainha. Sobre a porta, rudemente encortiçada, assenta um curto madeiro de sobro, cruzado na fórma do santo lenho, sem mais feitio que o natural, exposto no calvario de uma caveira, com a letra d'esta infallivel prophecia. *Eritis sicut nos.*

Tal é a minuciosa e pittoresca descripção que da entrada do convento e terreiro da egreja do Bussaco, nos faz o seu chronista fr. João do Sacramento.

A gravura completará esta elegante pintura do poetico religioso, porque o nosso artista soube manejar o lapis com a mesma pericia com que o escriptor aparou a penna.

Com as outras vistas que d'este mesmo eremiterio nos ha de tirar o sr. Christino, daremos mais algumas descripções do famoso convento do Bussaco.

---

## O CAÇADOR NEGRO

### LENDA VASCONÇA

(Conclusão. Vid. pag. 197)

### III

Dolorosos gemidos se ouvem na cabana da viuva.

Estendida em cama de feno, jaz uma joven moribunda, cruzadas as mãos no peito, e inclinada a cabeça para o lado onde uma mulher ajoelhada chora em silencio.

Um pranto agudo e despedaçador se mistura com os soluços; é o choro de um recemnascido.

A mãe cadaverica estremece ouvindo aquelle pranto; a viuva colhe o menino, entrega-o á mãe, e torna a ajoelhar.

Maria estreita convulsivamente o filhinho contra o peito, e ao abrir a bocca para sorrir-se, vôa-lhe a alma para o ceo, purificada por tanto soffrer, perdoada pelo arrependimento.

Ao mesmo tempo o menino adormece no regaço de sua mãe já morta.

.....................................................

A cabana desappareceu; não ficou o menor vestigio; só junto á fonte onde se assentava Maria á espera de Luiz de Lehet, se vê um montesinho cercado de rosaes floridos na sua estação, e uma singela cruz de madeira occulta entre as hastes.

.....................................................

Vi já no cume dos Pyreneos uma bella flor derramando seus aromas pelo prado, e ostentando vivas côres aos raios do sol.

Vi depois arrastar-se preguiçosamente para ella asquerosa lagarta, ou nojento caracol, que enche de baba repugnante quanto encontra na passagem.

Vi a desgraçada planta mover-se como se quizesse fugir do contacto d'aquelles seres immundos que vem destruil-a.

Vi esgotarem-se-lhe os perfumes da corolla, empallidecer-lhe a cor das folhas, inclinar-se-lhe a haste, e morrer por fim roída pela lagarta, ou envenenada pela viscosa baba do caracol.

Isto mesmo observava o veneravel Valdemaro na morada baronial de Lehet.

Bertha de Labrit, a formosa castellã, vae-se finando como a flor dos Pyreneos; dor profunda lhe mina a existencia, e extingue pouco a pouco a luz da vida n'aquelle corpo delicado.

O seu conforto é a oração e os sabios conselhos do velho sacerdote.

Luiz de Lehet zombava com os companheiros do que elle chamava pieguices de sua mulher, e continuava no mesmo modo de viver dissoluto.

A abandonada esposa orava uma noite com mais fervor que nunca; o marido estava ausente, e havia mais de quinze dias que a unica noticia d'elle e de seus companheiros, era a de novo ultraje feito em retiro de virgens consagradas a Deus; era a noticia de mais um sacrilegio.

Quando mais embebida estava nas preces, sentiu que mão gelada lhe tomava suavemente a d'ella.

A castellã estremeceu.

— Sou eu, Bertha; lhe disse uma formosissima mulher vestida de branco que lhe ajoelhára ao lado. — Nada receies; os teus rogos foram escutados. Luiz de Lehet, a quem ambas amámos tanto, póde salvar-se.

— Oh! — exclamou a castellã — salve-se elle e pereça eu.

— Escuta, santa mulher — disse a visão. — Se teu esposo se arrepender antes que tu morras, salvar-se-ha; se não, a divina justiça o castigará permittindo que a maldição que n'este instante lança contra elle minha desconsolada mãe, caia sobre sua cabeça.

A visão desappareceu, e Bertha continuou orando.

Entretanto, o barão de Garro galopava pelo prado de Roldão, e ao entrar no estreito barranco que leva a Eugui, saíu-lhe ao encontro uma mulher coberta de farrapos e o cabello desgrenhado.

— Luiz de Lehet! — gritou; tu és um infame, um indigno cavalleiro!

O barão parou.

— Luiz de Lehet! violaste as leis da hospitalidade; mentiste; seduziste uma joven innocente, e por fim abandonastel-a covardemente!

O barão começou a rir, e os companheiros fizeram-lhe côro.

— Desejavas ter um filho que perpetuasse a tua raça — proseguiu a mulher andrajosa. — Pois bem: tens um filho.

— Um filho! eu? — exclamou o barão, aproximando-se da estranha interlocutora. — Um filho, disseste! Onde está? Conduze-me para o seu lado, e dar-te-hei metade de quanto possuo.

D'esta vez foi a mulher esfarrapada que soltou estrepitosa gargalhada.

— Ouve-me, barão de Garro — replicou esta com fatidica accentuação; — eu tinha uma filha; tu a deshonraste e mataste, maldito sejas! Tu és alvo como o leite; far-te-has negro como o tronco do carvalho tisnado pelo raio. Ostentas compridas e loiras madeixas; teus cabellos se enroscarão, e te formarão cardumes na cabeça como lã de ovelha enferma. És caçador; os cães despedaçarão teu corpo, e tua alma amaldiçoada errará de monte em monte até á consummação dos seculos. Justiça divina se faça! Maldito, maldito sejas, amen, perjuro, sacrilego!...

— Meu filho? — gritou Luiz de Lehet com raiva.

— Morrerás ás suas mãos, orgulhoso barão.

E, dizendo isto, a mulher desappareceu, sem que se soubesse como, nem por onde.

### IV

Alguns dias esteve pensativo o amaldiçoado cavalleiro; porém os amigos assediavam-n'o de tal modo, que não lhe deixavam um momento de liberdade para se arrepender.

Decorreram annos.

Morreu Bertha, a piedosa; e Luiz de Lehet esque-

cida já a maldição da mendiga, e a morte da esposa, caçava com mais fervor que nunca, saqueava mosteiros, profanava asylos sagrados, e blasphemava do santo nome de Deus.

Succedia porém, que o rosto do barão nada perdia da sua alvura; nem os cabellos deixavam de ser loiros e compridos; nem Zafiro morria, nem os lebreos envelheciam.

E os bosques seculares dos Pyreneos ouviam repetir continuamente:

— Upa, Zafiro! Upa! Corre, vôa, meu cavallo; alcança o veado de dez esgalhos, e conduze-me onde me esperam rubicundo vinho e formosas mulheres. Upa, Zafiro! Upa!

O barão passára a noite em espantosa orgia.

Na manhã seguinte aconteceu passar ao alcance do seu dardo um horrendo javali; empinou-se Zafiro ao vel-o; porém, forçado a obedecer aos acicates do dono, partiu de galope atraz da cerdosa fera, que Luiz feriu com a sua arma.

Corria o javali; corriam os cães atraz d'elle; corria Lehet em furiosa carreira, lançando gritos de alegria, e alongando-se da comitiva que não podia seguil-o.

D'esta maneira chegaram ao mais profundo de um sombrio valle, onde a fera se arrojou a um charco de agua lodosa, e os lebreos com ella.

Quando Luiz de Lehet, desembocando da espessura, se approximava do sitio em que permaneciam rendidos de fadiga cães e javali, viu que um porfioso mancebo se dirigia denodadamente para o matar.

— Parae, rapaz, parae: essa preza é minha — gritou o barão de Garro.

O mancebo olhou-o, encolheu os hombros, e entrou no charco.

Um minuto depois o javali revolvia-se no lodo, arrojando muito sangue da larga ferida que o montanhez lhe abrira com a sua adaga.

Depois cortou a cabeça do javali, ergueu-a alto, mostrou-a a Luiz, que o olhava pasmado, e disse-lhe com gesto provocativo:

— Esta preza é minha; vinde agora tirar-m'a.

O barão lançou-se ao encontro do mancebo; aguardou este a accommettida com a maior serenidade, e enterrou a adaga nas espadoas do cavalleiro.

— Luiz de Lehet! — gritou ao ver que o barão caia do cavallo — sou o filho de Maria.

O barão volveu os vidrados olhos para o mancebo, que, limpando a folha da arma com a maior indifferença, se pozera a caminho.

Apenas Luiz caiu no charco, principiou a ennegrecer-lhe o rosto, e a contrahir-se-lhe o cabello.

Os cães lançaram-se a elle, e o despedaçaram, apesar dos seus gritos de dor.

A deshoras da noite, ou quando amanhece dia tempestuoso, ouve-se retumbar nas azinhagas e barrancos uma voz estridente, bradando:

— Upa, Zafiro! Upa!

E através de escurissima noite, ou de trombas destruidoras, vê-se correr um ginete negro, montado por um cavalleiro negro, e seguido por lebreos tambem negros.

Do cume do Iru salta ao cume de Yzpegui; d'aqui lança-se ao precipicio de Arlecu; d'alli volta para o Jzascun; atravessa o rio Oria, e apparece sobre o Haya; precipita-se ao mar, e chega á brava e inhospita costa.

As patas do ginete tocam já as crespas ondas... o cavalleiro lança um grito de alegria, porque a final vae cessar aquella caçada phantastica.

Um forte assopro do cavallo se une então ao mugido das vagas... o furioso quadrupede gira rapidamente sobre as pernas, e emprehende de novo a desesperada carreira terra dentro!

O cavalleiro entretanto grita com voz espantosa, e que domina o furacão:

— Upa, Zafiro! Upa!

E cavallo, cavalleiro e cães, desapparecem arrebatados pelo turbilhão de escuras e voraginosas nuvens.

A alma de Luiz de Lehet ficará caçando até ao fim do mundo!

---

## ARCHIPELAGO DE CABO-VERDE

(Conclusão. Vid. pag. 193)

A administração da justiça foi, nos primeiros seculos, confiada a ouvidores; a historia d'estes magistrados é um tecido de quasi constantes luctas com as outras auctoridades superiores, em que nem sempre a razão estava do seu lado, e que por muitas vezes, como já tivemos occasião de dizer, trouxe alvorotada a provincia, e em grave risco a sua segurança.

O decreto de 16 de janeiro de 1837 determinou que houvesse na capital um juiz de direito, um delegado, e um juiz ordinario, tanto n'esta como em cada uma das outras ilhas; ordenou outrosim que servissem na mesma capital tres escrivães do juizo (servindo de tabelliães de notas), um contador e os officiaes de diligencias necessarios, havendo tambem em cada freguezia um juiz de paz, um juiz eleito e um escirvão para ambos. Organisou-se finalmente uma junta de justiça, a qual julga em ultima instancia as causas crimes, composta do governador, do juiz de direito, do delegado e de tres officiaes da guarnição.

O decreto de 17 de setembro de 1851 alterou em parte esta legislação, dividindo o archipelago em duas comarcas judiciaes, presididas pelos competentes juizes de direito, compostas uma das ilhas chamadas de barlavento, e outra das de sotavento.

Já dissemos que o archipelago de Cabo Verde fôra erecto em bispado por bulla de 3 de novembro de 1532. Comprehendem-se n'estas ilhas 28 freguezias, a saber: em S. Thiago, 11; no Fogo, 4; na Brava, 2; no Maio, 1; na Boa Vista, 2; em S. Nicolau, 2; em Santo Antão, 5; em S. Vicente, 1. Todas estas parochias, apesar da notoria falta de ecclesiasticos idoneos, acham-se regularmente providas, e os templos em bom estado.

Compõe-se a força militar da provincia de um estado maior e um batalhão de artilheria de linha, de 520 praças.

Similhante força, sem duvida superior ás antigas milicias creadas em 1748 no tempo de João Zuzarte, e que foram quasi sempre bandos de homens mal trajados, pessimamente armados, sem disciplina, e sem brio algum militar, é comtudo insufficiente para manter a segurança interior, e preservar o archipelago de qualquer aggressão externa, a que aliás em outro tempo foi mui exposto [1]. Urge pois augmental-a, collocando-o por este meio, e pelo cuidadoso reparo das fortalezas, n'um estado de defesa regular.

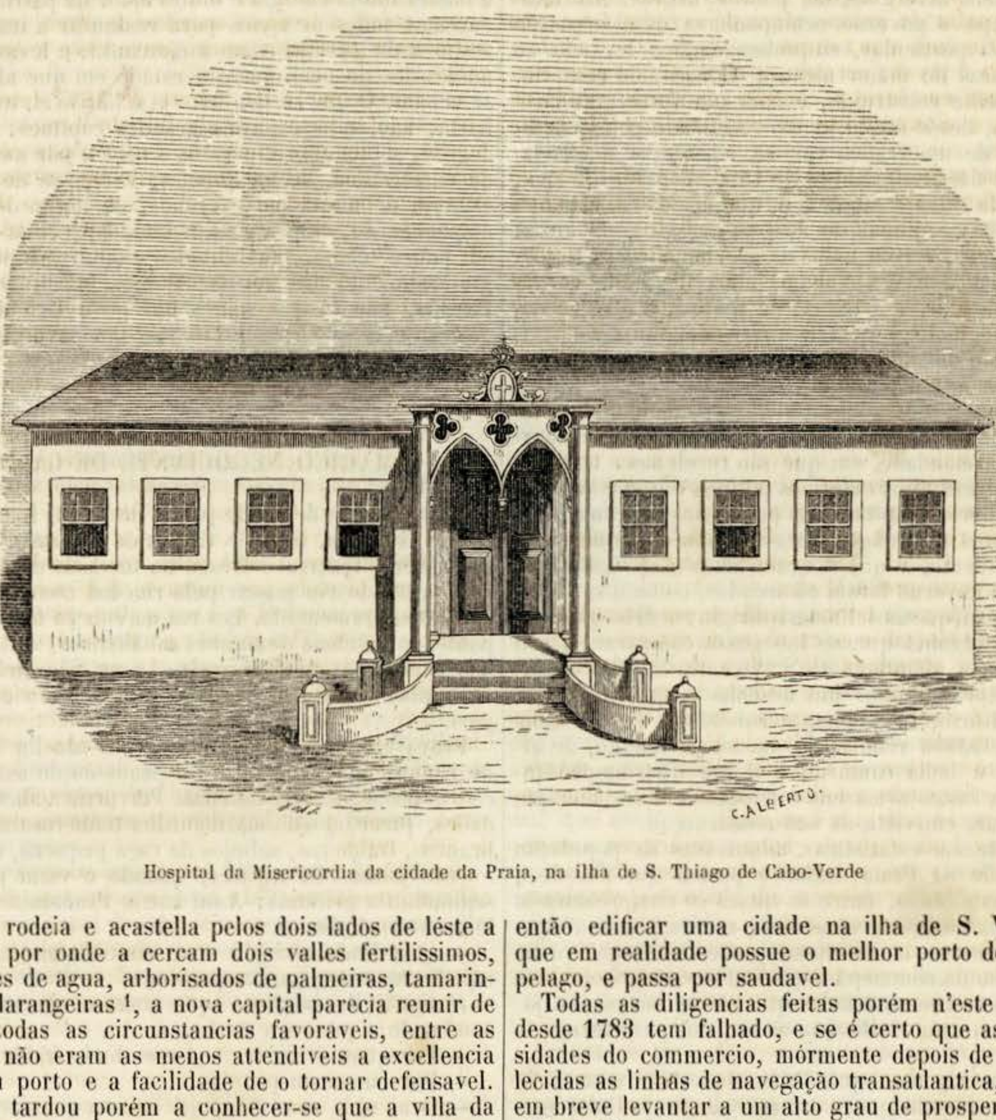
Do archipelago de Cabo Verde em geral temos dito, nos parece, quanto basta para formar uma idéa approximada da sua situação presente, e do engrandecimento de que é susceptivel, pelos seus vastos recursos naturaes e optimas condições geographicas; e abstendo-nos por agora de traçar a descripção minuciosa de cada uma das ilhas em particular, porque seria então mister dar a este modesto trabalho um desenvolvimento que as dimensões e indole do *Archivo* não comportam, fallaremos da capital do

[1] As ilhas de Cabo Verde padeceram por vezes terriveis extorsões de piratas de todas as nações; em 1582 e 1595 os inglezes, e em 1712 os francezes ousaram atacar a propria capital; que entraram sem resistencia e saquearam á sua vontade.

governo, referindo ao mesmo tempo as tentativas que, por differentes vezes, se tem feito para realisar a sua transferencia; e concluiremos com a noticia de diversas obras importantissimas ultimamente emprehendidas e levadas ao cabo nas ilhas de S. Thiago e S. Vicente, de algumas das quaes apresentâmos desenhos fidelissimos.

A capital ou séde do governo da capitania de Cabo Verde foi até meiado do seculo XVII a cidade da Ribeira Grande, na ilha de S. Thiago. Situada no fundo de um valle fertil e bem cultivado, que corre do norte a sul entre altissimas serras, era esta povoação sufficientemente fortificada, e continha alguns edificios magestosos, de que ainda restam bastantes vestigios; a sua insalubridade porém, reconhecida desde o seculo XVI, fez com que pouco a pouco fosse sendo abandonada, passando grande parte de seus moradores para a villa da Praia. Já o sr. D. João IV reconheceu a conveniencia da mudança da séde do governo, determinando, por alvará de 14 de agosto de 1652, que se fortificasse a dita villa, que residissem n'ella o bispo e o governador, que se concedessem isenções ás pessoas que levantassem casas na villa, e estabelecendo muitas outras provisões, todas tendentes a attrahir gente a uma povoação que devia ser a primeira da capitania.

Diversas e ponderosas considerações justificavam a prudente escolha e resolução do soberano. Levantada sobre uma *achada* ou *plató* á beiramar, no fundo da bahia que formam entre si as pontas da *Mulher branca* e da *Temerosa*, servindo-lhe como de pedestal um rochedo perpendicular pelo lado do sul,




Hospital da Misericordia da cidade da Praia, na ilha de S. Thiago de Cabo-Verde

que a rodeia e acastella pelos dois lados de léste a oeste, por onde a cercam dois valles fertilissimos, prenhes de agua, arborisados de palmeiras, tamarindos e larangeiras [1], a nova capital parecia reunir de feito todas as circunstancias favoraveis, entre as quaes não eram as menos attendiveis a excellencia do seu porto e a facilidade de o tornar defensavel.

Não tardou porém a conhecer-se que a villa da Praia não era isenta dos inconvenientes que tornaram inhabitavel a cidade da Ribeira Grande: no tempo das aguas manifestavam-se alli muitas doenças, que sacrificavam grande numero de habitantes, mórmente dos recemchegados da Europa; e por isso as auctoridades e pessoas abastadas, ou abandonavam a ilha, passando á Brava, ou recolhiam ao interior d'ella, para o concelho de Santa Catharina, em que ha sitios que gozam da fama de muito salubres.

Innumeros transtornos occasionava similhante situação; e foram elles taes que suscitaram a idéa de outra transferencia da séde do governo, occorrendo então edificar uma cidade na ilha de S. Vicente, que em realidade possue o melhor porto do archipelago, e passa por saudavel.

Todas as diligencias feitas porém n'este intuito desde 1783 tem falhado, e se é certo que as necessidades do commercio, mórmente depois de estabelecidas as linhas de navegação transatlantica, devem em breve levantar a um alto grau de prosperidade a villa do Mindello, mandada edificar por decreto de 11 de junho de 1838, não é menos certo que difficilmente um governo discreto se resolverá a determinar a mudança definitiva da capital, quando está provada a possibilidade de melhorar as condições hygienicas da cidade da Praia, aliás assente na maior, mais rica e mais importante de todas as ilhas de Cabo-Verde.

No tempo em que Lopes de Lima escrevia os seus *Ensaios*, já a villa da Praia, que tem pouco mais ou menos meia milha de comprimento do norte a sul, e umas cem a cento e vinte braças de largura, pelos esforços de alguns governadores, e mórmente de D.

[1] Lopes de Lima, *Ensaios statisticos.*

Antonio Coutinho de Lencastre (1803) e João da Mata Chapuzet (1822), «podia competir em belleza de edificios e galhardia de suas ruas e largos com algumas boas villas do reino.» Desde aquella epocha até hoje não se ha descançado no empenho de augmentar e aformosear a povoação, melhorando ao mesmo tempo as suas condições physicas. Elevada por decreto de 29 de abril de 1858 á cathegoria de cidade, a capital de Cabo-Verde tem procurado tornar-se digna d'esta distincção. As ruas, em geral bem alinhadas e espaçosas, são cuidadosamente limpas; os largos e praças arborisados pouco a pouco; os estabelecimentos do commercio cresceram em numero e tomaram um aspecto agradavel; as habitações ganharam muito na sua disposição interior e na apparencia architectonica; quasi que desappareceram inteiramente as cabanas e palhoças, miseraveis alvergues de pobres negros. Ao mesmo tempo o governo acompanhava os esforços de iniciativa particular, emprehendendo e levando ao cabo obras do maior alcance. O caes, de cantaria, solidamente construido, e com um forte guindaste de ferro, desde muito tempo reclamado pelas necessidades de um trafico valioso, em que se dispenderam até fim de dezembro de 1860, 22:095$439 réis; a casa da camara municipal, que démos em estampa (pag. 193), edificio de dois pavimentos, de airosa construcção, e com todas as accommodações requeridas, em que funccionam, além d'aquella corporação popular, o tribunal de justiça, e o lyceo nacional; o quartel para a guarnição, em tres pavimentos; o hospital da misericordia, de que tambem offerecemos um desenho (pag. 205), casa de antiga construcção, de um só pavimento, com um portal arremedando o estilo gothico, sobrepujado pelas armas da irmandade, em que são recebidos e tratados caritativamente os enfermos pobres, e que é hoje um dos melhores hospitaes das provincias africanas; são tudo obras que não envergonhariam qualquer villa do continente, e que honram tanto o sr. Calheiros, sob cujo governo foram começadas, como o sr. J. C. de Almeida, que as delineou e dirigiu; nem no archipelago ha alguma que se lhe possa comparar, a não ser a nova alfandega de S. Vicente, de que egualmente apresentámos um desenho (pag. 197). Este bello edificio, inteiramente concluido, custou mais de 30:000$000 réis. É de um só pavimento, de alvenaria e bella cantaria, e a sua distribuição interna, e vastos armazens correspondem aos fins que se tiveram em vista na sua construcção.

Não temos estatisticas minuciosas da população da cidade da Praia; sabe-se porém que excede a 3:000 habitantes, entre os quaes se comprehendem bastantes europeus abastados, e é de presumir que tenha successivo incremento, attendendo não só ao progresso do commercio e da industria agricola, mas tambem ás commodidades que ahi se encontram já, e revelam uma civilisação adiantada, para terras de Africa.

Poremos ponto aqui. Procurámos dar uma ideia approximada do que é o archipelago de Cabo-Verde; quantas noticias podémos obter todas cuidadosamente compendiámos, e parece-nos ter mostrado que a situação d'esta importante provincia da monarchia é relativamente muito satisfactoria.

Entretanto, nem por isso entendemos que se não deva proceder a um estudo rigoroso das suas necessidades; são ellas muitas e urgentes; e cumpre não poupar sacrificios, de qualquer especie que sejam, para as remediar. Collocadas na mais vantajosa posição geographica que imaginar-se póde, entre a Europa e a America, a sete dias de distancia do melhor porto do mundo, como é de certo o de Lisboa, regularmente povoadas, ricas de optimas producções, como são o café, o algodão, o assucar, a purgueira e o anil, em muitos pontos saudaveis, as ilhas de Cabo-Verde, sendo ajudadas pela metropole, em breves annos devem constituir uma das nossas mais valiosas provincias ultramarinas. É preciso que nos convençâmos de que Portugal está n'uma situação difficil e tremenda. A Europa fita em nós olhos cubiçosos; e por toda a parte se pretende insidiosamente preparar a opinião, formando-se e assoalhando-se a respeito de nossas coisas um conceito tão severo como, em grande parte, injusto: nem será para estranhar que, aproveitado o nosso descuido, se pretenda por todos os modos mingoar ou destruir o nosso poder colonial, que nos affiança ainda no mundo a cathegoria de primeira nação de segunda ordem.

Podêmos porém sair triumphantes e honrados da grande provação por que vamos passando: para isso é mister muita energia e muito amor da patria. Procuremos todos os meios para restaurar a marinha, assim a de guerra, como a mercantil, e levantar as possessões de além-mar do estado em que algumas se acham. O que se tem feito já é louvavel, mas não basta; são indispensaveis grandes capitaes: convidem-se, sollicitem-se, peça-os a nação, por um grande emprestimo, se for preciso; carece-se de muito esforço, de muita perseverança, de muito desvelo: empenhem-se, empenhemo-nos todos; e creia-se que em pouco tempo, rehabilitados e opulentos pelo engrandecimento das nossas colonias, mostraremos á Europa, não só que somos um povo rico de tradições, mas que somos tambem um povo digno da civilisação d'este seculo.

P.

---

## O MAGICO NEGOCIANTE DE CÃES

N'uma tarde de 30 de junho de 1643, Luiza Maria de Gonzaga, filha de Carlos de Gonzaga, duque de Nevers, tomava o fresco no terrasso do seu palacio, quando viu passar pela rua um homem exoticamente paramentado. Levava na cabeça um chapeo ponteagudo, cheio de signaes cabalisticos, vestia uma opa negra com cinto vermelho, e na mão direita levava uma varinha — talvez de condão: era um magico.

Provavelmente as suas predicções não lhe davam de comer, pois accumulava a profissão de astrologo com a de negociante de cães. Percorria todas as cidades, precedido d'uma mantilha numerosa de cães brancos, fraldeiros, sabujos de raça pequena, dogues e cães gozos. Os rapazes, quando o viam passar, seguiam-n'o gritando: Aqui vae o Promontorio que lê a *buena dicha*.

— Que lindo cão alli vae, disse Luiza; chamae aquelle homem á minha presença.

*Il signor* Promontorio (que assim se chamava) foi conduzido á presença de Luiza.

— Por quanto me vendeis esse lindo fraldeiro?

— Por cincoenta pistolas.

— Ora, sêde comedido, não escarneçaes de mim.

— Ah! senhora, eu nunca ousaria tomar essa liberdade com pessoa alguma, e ainda menos com vossa magestade.

— Este homem é doido — disse Luiza.

— Em que se funda vossa magestade para suppor que eu perdi o uso da razão?

— Porque me trataes como se eu fosse uma rainha.

— Ah! desculpae-me, senhora, é porque eu adivinho o futuro, e considero já cumpridos todos os successos vindouros.

— Explicae-vos, pois não comprehendo o que quereis dizer.

— Assim deve ser; mas façamos um negocio relativo ao meu cão: elle sabe caçar perfeitamente; puz-lhe o nome de Modus, porque o mais antigo escriptor cynegético da França assim se chamava. Vós desposareis um rei, grande amador da caça; e este cão será o mais agradavel presente que podereis fazer-lhe. Dar-me-heis por elle cincoenta pistolas, e pagal-as-heis quando fordes rainha.

— Isso quer dizer que me daes o cão.

— Não, minha senhora; não sou tão rico que possa brindar-vos por tal modo. Acceitae a minha proposta: ganharei muito com isso.

— O vosso cão vale dez pistolas, tomae-as.

— Recuso-as, já vos disse que pretendo cincoenta pistolas. Adeus, minha senhora, ahi vos deixo o cão, e brevemente virei á presença de vossa magestade para receber o preço d'elle.

Um anno depois d'esta aventura, Luiza Maria de Gonzaga desposou Ladislau VII, rei da Polonia, que tinha enviuvado havia pouco tempo pelo fallecimento de Cecilia Renée, archiduqueza d'Austria. Durante as bodas, vieram dizer á rainha que Promontorio pertendia ser-lhe apresentado.

— Fazei-o entrar — disse a rainha.

— Está bem! Promontorio, a vossa predicção cumpriu-se.

— Não podia deixar de ser assim.

— Tomae cem pistolas.

— Não acceito mais de cincoenta.

— Sois mui desinteressado.

— Quem adivinha o futuro, tem tanto dinheiro quanto pretende. Limito-me á somma que pedi: acceito as cincoenta pistolas que me são devidas, e agradeço-as a vossa magestade, desejando-lhe que goze todas as venturas que merece.

— Adeus, Promontorio.

— Vossa magestade permitte-me que lhe dê um conselho?

— Fallae.

— Se amaes o rei, fazei todo o possivel para evitar que esfrie. Elle é caçador... acautelae-vos.

Os cortezãos julgaram que Promontorio acabava de dizer uma loucura á rainha; e fizeram-lhe conhecer que se atrevia a muito. Promontorio saiu. Comtudo no dia immediato reuniram-se em casa do magico para elle lhes ler as sinas. O oiro entrava aos punhados na bolça do italiano. A sua fama espalhou-se pela Europa, e, graças a algumas circunstancias em que o acaso tambem favoreceu Promontorio, o homem enriqueceu a tal ponto que poderia comprar um reino.

Alguns annos depois, em 20 de maio de 1648, Ladislau regressando da caça, vinha muito encalmado, bebeu um copo d'agua fria, e no mesmo instante caiu redondamente morto aos pés da rainha.

«Ah! meu Deus! exclamou ella, Promontorio tinha razão; eis o cumprimento da sua fatal predicção».

## A PALMEIRA

Abundante, liberal, pródiga, chamou Plinio á palmeira, porque ella só é capaz de dar de comer, beber e vestir ao homem.

Dos seus ramos se tira o emblema dos triumphos militares e religiosos. Nenhum individuo do reino vegetal é mais prestadio; nenhum mais alteroso e symbolico.

Ha cinco especies de palmeiras. A *tamareira*, tambem chamada *palmeira de egreja*: o *cocoeiro*, ou *coqueiro*: a *latanéira* das Mauricias: a *arêca* das Antilhas: o *sagüeiro*.

A tamareira nasce nos paizes quentes de um e outro continente. Tem o tronco direito, cylindrico, coberto de escamas, que são os vestigios dos peciolos folhosos de que a planta se despoja nas suas differentes edades. No alto fórma uma cabeça conica, composta pelo menos de quarenta peciolos folhosos, d'onde saem as flores em fórma de cachos, que dão duzentas tamaras ao mesmo tempo.

Come-se este fructo tal qual a arvore o dá; posto a seccar serve de sustento para todo o anno. D'elle se faz um xarope que serve de manteiga, molho e tempero para os alimentos. Os caroços, fervidos para amollecerem, dão-se ao gado. Distillado dá bom vinho. O «nectar de tamaras» que bebem os soberanos do Congo, é o licor espirituoso das tamaras fermentadas.

O pau do tronco, ainda que composto de febras lenhosas, serve de madeiramento na Africa, e particularmente para estacas, porque resistem muito á agua. As folhas servem para cobrir cabanas; dos espadices fazem-se vassouras; dos envoltorios dos mesmos espadices calçado, e dos cachos cordas, etc. A medulla das arvores novas, ou as extremidades das antigas, é um manjar mui estimado dos africanos.

O cocoeiro, ou coqueiro, tem o tronco mui alto, delgado, com cicatrizes semicirculares que deixaram as folhas velhas. É coroado por um feixe de dez a doze folhas, do centro das quaes sáe um gomo ou grelo direito, quasi cylindrico, ponteagudo, tenro, bom para comer, e a que chamam *repolho de coqueiro*. D'entre os peciolos das folhas saem grandes espathas univalves, que se abrem de lado, e dão saída a uma panicula, cujos ramos estão carregados de grande numero de flores, as femeas na base, e as machas nas extremidades. As flores femeas dão uns fructos conchegados em fórma de cachos, que são os cocos.

Os nossos chronistas da India e do Brasil fazem pomposas descripções da palmeira do coco; entre elles sobresae João de Barros na *Decada* III.

Ouçamol-o, que dá prazer.

«Os palmares das ilhas de Maldiva não dão tamaras como dão os da Berberia e toda a Africa, mas um pomo do tamanho da cabeça de homem. Antes do miolo tem duas cascas á maneira de noz: a primeira, posto que por cima é mais lisa, passada aquella tez lisa todo o mais é tão estopento que se fia melhor que esparto, da qual cordoalha se serve toda a India, principalmente em amarras, por serem as que se fazem d'este fiado mais seguras e duraveis no mar que nenhuma sorte de linho. E a causa é porque enverdece com a agua salgada, e faz-se tão correento n'ella que parece feito de coiro, encolhendo e estendendo á vontade do mar; de maneira que um calabre d'estes, bem grosso, quando a nau com a furia da tempestade, estando sobre ancora, porta por ella, fica tão delgada que parece não poder salvar um barco, e no outro soluço que a nau faz arfando, torna a ficar em sua grossura.

Servem-se mais d'este cairo em logar de pregadura, porque como tem esta virtude de reverdecer e engrossar no mar, cosem com elle o taboado do costado dos navios, e tem-nos por mui seguros.

Tem mais este pomo, tão proveitoso, outra casca de mui duro pau, por cima da qual ficam os signaes d'aquelles nervos e fios da outra, á maneira do entrecasco da sovereira, ou (por melhor dizer) á maneira de uma noz descoberta da casca verde. Esta casca, por onde o pomo recebe o nutrimento vegetavel, que é pelo pé, tem uma fórma aguda que quer similhar o nariz posto entre dois olhos redondos, por onde elle lança os grelos quando quer nascer. Em razão d'esta figura, os nossos lhe chamaram *coco*, nome imposto pelas mulheres a qualquer coisa com que querem fazer medo ás crianças; o qual

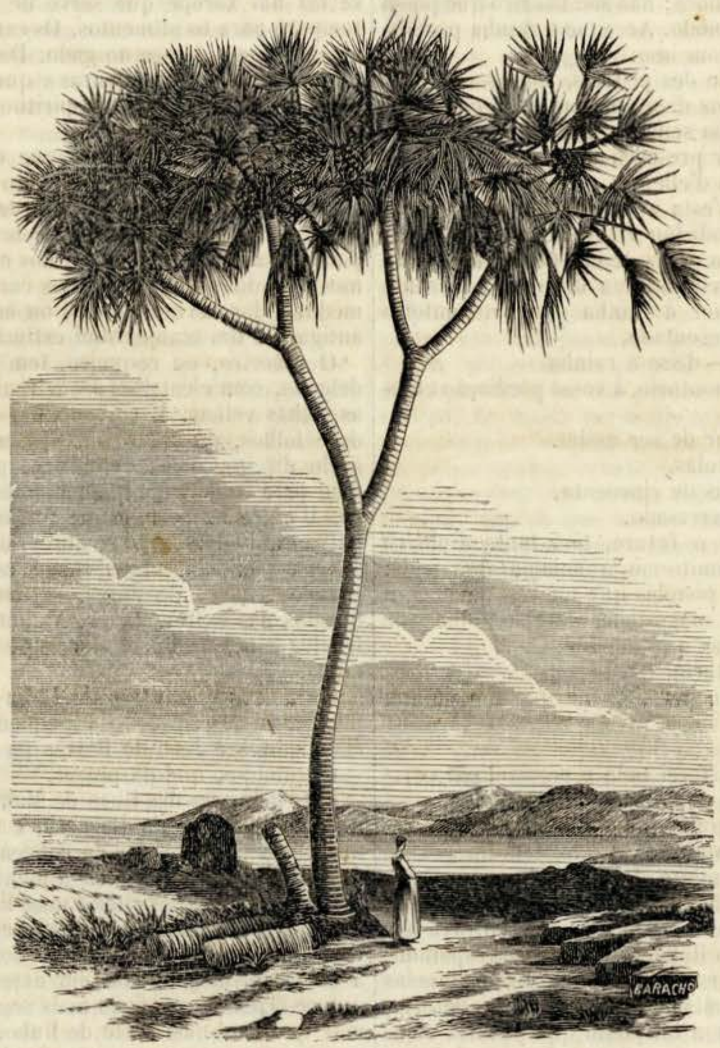
nome assim lhe ficou, que ninguem lhe sabe outro, sendo o seu proprio, como lhe os malabares chamam, *tenga*, e os canarins *narle*.

O miolo que tem dentro n'esta segunda casca ficará do tamanho de um grande marmelo, porém de parecer differente, porque sua propria similhança na côr, de fóra e de dentro, é uma avelã, que tem dentro algum vão, sem ser massiça, e do mesmo sabor, mas com mais grossura e substancia, porque tem mais partes oleoginosas que a avelã. Dentro d'aquelle vão se estilla uma agua doce e cordial, principalmente ao tempo que elle está na arvore já de vez; e quando quer nascer, todo este concavo em que esta agua está, se faz uma massa espessa á maneira de nata, a que elles chamam lanha, coisa mui suave e saborosa, e de melhor substancia que as amendoas quando na arvore querem coalhar. Porque este fructo na substancia, na altura, no uso de comer, e oleo que em si tem, muito similhavel é ás avelãs e amendoas, assim tem por cima aquella côr aleonada, e por dentro é alvo.

Este pomo, e a palmeira que o dá, parece ser das mais proveitosas coisas que Deus deu ao homem para sua sustentação e necessario uso, porque além de servirem no que já dissemos, fazem d'elle mel, vinagre, azeite, vinho, e mais é mui substancial mantimento por si só comido, ou misturado com arroz, e por outros modos de que os indios em seus comeres se servem d'elle. Da primeira casca que o cobre se faz o coiro que dissemos ser tão commum, e necessario para a navegação de todo aquelle Oriente, depois que o curtem, maçam e fiam, á maneira do linho canamo.

As palmeiras que o dão tambem servem de madeira, de lenha e telha, porque cobrem as casas com as folhas, por vedarem bem a agua, e tambem lhes servem de papel, escrevendo n'ellas da maneira que já dissemos, e aos seus palmitos, quando são novos, não chegam os da Barberia. Finalmente, quando um homem n'aquellas partes tem um par de palmeiras, é que tem todo o necessario para seu uso; e quando querem gabar algum de bondade em suas obras, dizem: «*É mais fructifero e proveitoso que uma palmeira.*»

A lataneira das Mauricias tem as folhas na ponta dos ramos, á maneira de leques, d'onde lhe provém o nome, assim como do da sua serventia. A similhança das outras palmeiras, a grossura do tronco não corresponde á altura; mas tem grande quantidade de medulla parecida com os fios de barbante. Dá flores como as da tamareira.



Palmeira

A aréca das Antilhas remata n'um feixe de folhas semiabertas e compridas. Por baixo d'este feixe sáem algumas espathas, lisas, verdoengas, que, abrindo-se, dão nascimento a panículas ou espadices de flores esbranquiçadas.

Os indigenas cortam a palmeira aréca não só para lhe aproveitarem a madeira, mas para lhe tirarem o repolho ou olho do cimo, que tem um gosto parecido com o da alcachofra. Comem-n'o cru, em salada, com molho de pimenta e vinagre; e tambem cozido ou frito.

Por meio de uma incisão feita no tronco da aréca, obtem-se um vinho mais estimado que o do coqueiro.

O sagúeiro é a palmeira de cuja medulla se extrahe o sagú, excellente farinha bem conhecida.

Quando as folhas do sagúeiro estão cobertas de um pó esbranquiçado, effeito de abundancia farinacea, corta-se a arvore em muitos troços e racham-se em quartos. Depois tira-se-lhe a medulla, esmaga-se e mette-se n'uma especie de cortiço afunilado, posto sobre uma peneira de cabello, deitando-se-lhe certa quantidade de agua.

Através d'esta peneira passa a massa do sagú, bem agitada na agua. Deixa-se repousar, no vaso posto debaixo da peneira, a agua que contém a medulla reduzida a papas diluidas; escorre-se depois a agua brandamente, e no fundo do vaso fica a fécula, branquissima e finissima, em fórma de papas, que se põe a seccar em cestos cobertos de folhas.

Mas para que esta massa se possa conservar mais tempo, é preciso dar-lhe a fórma de grãosinhos, para o que a passam por umas bacias de barro todas crivadas, indo depois a seccar ao fogo. É assim que o sagú vem ao mercado.

As folhas d'esta palmeira tem a propriedade de se cobrirem de uma pennugem de que se faz panno. Tambem servem para telhar casas; e as suas nervuras são optimas para cordoalha. O tronco ferido por incisão dá um licor agradavel.

A palmeira que representa a nossa gravura, é a que dá o coco. Tem regularmente 15 a 20 metros de altura; porém na America ha palmeiras de 50 e mais. O tronco, apesar de ser tão elevado, pouco excede a um metro de circumferencia.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.